



Antonio Hohlfeldt

# Teatro

a\_hohlfeldt@yahoo.com.br

## Tentando voltar

No momento em que escrevo esta coluna, a cidade de Porto Alegre continua invadida pelas águas do rio Guaíba e, sobretudo, pelos esgotos. Inclusive o Centro Histórico. Contudo, autoridades da área da cultura, instituições culturais variadas e produtores tentam se articular no sentido de propiciar algum apoio para os artistas que, uma vez mais, são os grandes prejudicados. São vários os problemas a serem enfrentados - o primeiro deles, a disponibilidade dos espaços.

No caso da Secretaria de Estado da Cultura (Sedac), com alguns de seus espaços fortemente prejudicados, como o Margs e especialmente a Casa de Cultura Mário Quintana (a cinemateca, sobretudo), há que esperar que as águas baixem, ocorra limpeza significativa e desinfecção para que se retomem as atividades, inclusive dos teatros do segundo e sexto pisos.

A Ospa, embora sua sede propriamente dita não tenha sido atingida, ficou isolada pelas águas, pois se encontra localizada no Centro Administrativo do estado. Alguns de seus músicos perderam seus instrumentos, que se encontravam em suas residências, para seus ensaios.

No caso do Theatro São Pedro (que, por estar numa região alta, e tendo tido seu telhado inteiramente reconstituído, entre janeiro e março do corrente ano, conseguiu escapar de problemas mais graves), ocorreu a invasão das águas no terceiro subsolo da Multipalco, na medida em que a energia elétrica foi desligada e as bombas de água, em consequência, pararam de funcionar, situação, felizmente, já contornada. No Multipalco, ainda, a chamada sala da dança sofreu algumas infiltrações, o que será rapidamente reconstituído.

Os mais prejudicados, sem dúvida, são os espaços municipais, seja no Centro Municipal de Cultura, com as salas Álvaro de Carvalho e Teatro Renascença, seja o recém reconstruído Teatro de Câmara, na rua da República, inteiramente invadido pelas águas. Não imagino quando tais espaços poderão ser reocupados, até porque eles já vinham bastante deteriorados e, pelo menos até o momento, a Secretaria Municipal de Cultura não se manifestou absolutamente sobre a situação.

O Instituto Ling, situado em parte nobre da cidade, felizmente não foi afetado,

mas não dará conta de todas as necessidades de nossos artistas para os próximos meses. Do mesmo modo o teatro da Amrigrs, perto da Pucrs, ou o teatro do CIEE, na Terceira Perimetral.

Um segundo problema é a disponibilidade dos grupos para poderem atuar. Muitos destes artistas, aliás, perderam inclusive seus instrumentos e/ou equipamentos. Outros grupos escaparam por pouco, mas como apresentar-se com todo o desgaste emocional? E que público estará disposto a pagar para assistir a tais espetáculos?

Uma das soluções em estudo pela Sedac é organizar apresentações que possam contar com patrocínios que já estavam acertados ou que receberão financiamento já aprovado. Também a Prefeitura está avançando neste sentido e, no último domingo, lemos que Luciano Alabarse, que reassumiu a coordenação do festival Porto Alegre em Cena, optou por realizar um festival inteiramente voltado para os grupos locais, o que viabiliza o orçamento da iniciativa e, ao mesmo tempo, garante apoio, através de cachês, a esses grupos.

A Fundação Theatro São Pedro está indo por este caminho. A partir da primeira semana de junho, o Musical Évora, que deveria ter estreado em maio, começa a ser realizado todas as quartas-feiras, propiciando, ainda, um espetáculo especial, em data a ser confirmada, com programação diferenciada, compensando os shows não realizados. Do mesmo modo a Orquestra do Theatro São Pedro, que tem programação financiada pela Lei Rouanet. O teatro, que cancelou toda a sua agenda de maio e junho, está reorganizando sua programação com o foco de apoiar artistas através de cachês, e deve organizar atividades especiais inclusive alusivas à passagem dos 40 anos de reabertura da instituição, depois de sua reconstrução coordenada por Eva Sopher, que coincide com a passagem de mais um aniversário da casa. Assim, na segunda quinzena de junho, uma programação intensa está sendo organizada, numa tentativa de retomada das atividades culturais.

Em meio ao caos, a área cultural fará enormes esforços para se rearticular e trazer ao público atividades variadas, que ajudem a ultrapassar esta destruição que sofremos, através da emoção que a arte nos proporciona.



Hélio Nascimento

# Cinema

hr.nascimento@yahoo.com.br

## Civilização destruída

Aos 79 anos de idade, o cineasta australiano George Miller não desiste de sua série iniciada em 1979 com *Mad Max* e na qual mostrava um mundo em ruínas, no qual grupos lutavam por sobrevivência e poder utilizando os restos de uma tecnologia que havia atingido o apogeu antes da grande catástrofe. *Furiosa* é mais um capítulo de uma sequência de filmes que tratam deste tema, utilizando - e por vezes exagerando - recursos utilizados em filmes de menor importância e interessados em divertimentos desprovidos de maior significado. Colocado entre os veteranos que não desistem do cinema, para proveito e alegria dos que seguem acompanhando a evolução desta arte, a primeira nascida desde que o ser humano em imagens, letras e sons procurou recriar a realidade e assim expondo verdades ocultas num primeiro e superficial contato.

Décadas atrás, quando o que mais levado a sério era um cinema que procurava se aproximar da tradição criada em séculos, alguns críticos, sobretudo os franceses dos Cahiers du Cinéma, modificaram a visão da crítica, ressaltando obras de cineastas como John Ford, Vincente Minnelli, Alfred Hitchcock, Howard Hawks e Joseph L. Mankiewicz, além de outros. Hoje, todos são clássicos. Um filme como *Cantando na chuva*, realizado por Stanley Donen e Gene Kelly, por exemplo, foi incluído na lista dos dez maiores de todos os tempos pela revista londrina Sight and Sound, numa consulta feita com cineastas, historiadores e críticos de vários países. Mas na época a obra foi vista apenas como um divertimento feito de forma perfeita. Poucos perceberam, entre outras coisas, que o número que servia de título ao trabalho era uma alegoria sobre a irreverência diante do poder, em plena época do macarthismo.

*Furiosa*, mesmo com as concessões feitas a um certo tipo de cinema mediocre e espalhafatoso feito hoje em dia - o que justifica a observação feita por Woody Allen em *Dirigindo no escuro* - é filme interessante por vários motivos. A primeira missão de um cineasta é expressar visualmente o cerne do tema tratado. As imagens do filme, com

a exceção dos planos iniciais, mesmo assim conturbados por criaturas deformadas, mostram ao espectador um universo dominado pela violência e por uma agressividade que parece nascer em cada indivíduo, antes de se espalhar pela sociedade inteira. Estamos, sem dúvida, diante de uma sátira dramática ao mundo em que vivemos.

No cinema, onde a imagem deve ser o elemento dominante, por vezes a palavra se integra ao todo, a fim de conceder maior clareza e potência à alegoria. É o caso das referências à guerra, essa expressão máxima da agressividade humana, quando são feitas alusões ao tempo presente e também a um ameaçador colapso derradeiro. São manifestações de personagens que parecem, cada uma a seu modo, expressar as intenções do cineasta. E ironias não faltam, inclusive com certos nomes de alguns personagens.

O mais curioso no filme de Miller, no entanto, é a utilização dos restos deixados pela civilização. Em primeiro lugar duas referências a outro ciclo, o wagneriano dedicado ao anel que possibilita o máximo poder, e também a Darwin, que não poderia faltar num relato que descreve tentativas de alcançar melhores condições para a sobrevivência. Pinturas renascentistas fazem parte das imagens e, por vezes, parece que estamos vendo um filme bíblico. E os carros - em especial a velocidade por eles atingida - não deixam dúvida sobre qual tempo o filme está falando, até porque, em certas passagens, as imagens parecem exaltar as habilidades de dirigir um veículo.

Se Miller, em vez de longas e repetitivas cenas de ação, se dedicasse a mostrar a harmonia e a felicidade de uma criança destruídas, o filme seria outro, mais valioso. Porém, ficam o boneco, que de certa forma sintetiza o tema e a semente que pode significar um recomeço. E atenção para o terno e a gravata usados por um dos personagens: clara alusão e uma evidente forma de colocar na tela a ideia principal, a de que o filme está falando do presente, onde os restos de uma tecnologia servem de suporte para a barbárie e uma árvore cresce nutrida pela ira.